O BICHO DE SETE CABEÇAS

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou

Hoje vou falar do bicho de sete cabeças.

Desde menino que este bicho me persegue. Desde menino, eu e não ele, que deve ser mais velho do que a Sé de Braga. Suspeito até que será mais velho do que os dinossauros. Quase de certeza.

– Estás há que tempos às voltas com os atacadores e não atas nem desatas – dizia-me a minha mãe. – Não tens vergonha de fazeres um bicho de sete cabeças de uma coisa tão simples?

Mais tarde, era a professora:

– Quando é que resolves esse problema que não tem dificuldade nenhuma? Um bicho de sete cabeças por uma coisa de nada… Parece impossível!

Ou então um enfermeiro, de uma vez que fui ao hospital com a cabeça partida:

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

– A chorar por um golpezinho sem importância? Nem que fosse um bicho de sete cabeças!

Isto tudo, na infância. Podia supor que, em crescendo, o bicho de sete cabeças me largasse. É o largas!

– Nunca mais te decides com a gravata, francamente – dizia-me a minha mulher. – Estamos quase a sair para o jantar e tu, diante do espelho, a pôr e a tirar gravatas, numa hesitação que até faz nervos. Calcule-se: um bicho de sete cabeças por causa de uma gravata!

No emprego:

– Pronto. Desapareceu o relatório. A tua secretária não sabe dele. Ninguém o encontra. Paciência. Manda imprimir outra cópia. Não é nenhuma tragédia nem vale a pena estares a fazer um bicho de sete cabeças por causa de um relatório, que desapareceu.

Quem me dera a mim encontrar o bicho de sete cabeças. Para quê? Não julguem que era para, qual São Jorge frente ao dragão, puxar de uma espada e corta-lhe as cabeças, uma a uma. Que horror! Eu nem sei manejar a espada. Eu, que desde que parti a minha estimável cabeça, ao cair da bicicleta, que tenho horror a sangue.

Eu queria encontrá-lo, para conhecê-lo, para tirar um retrato, ao lado dele, com a minha máquina automática. As oito cabeças (sete mais uma) a rirem-se, para a objectiva, e eu, daí em diante, a poder provar, a quem quer que seja, que mantenho as melhores relações com o meu bicho das sete cabeças.

Andei a matutar no caso, que tempos. Quando um pensamento anda connosco, dias a fio, acaba por sobrar para a noite e para os nossos sonhos. Foi o que aconteceu.

Sonhei, ontem à noite, com o bicho das sete cabeças. Nada de assustador, podem crer. Uma espécie de lagartixa

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

mas com sete cabeças, tão banal como se tivesse três, cinco, cartoze ou mesmo vinte e oito cabeças.

Por acaso que era até um bicho muito conveniente. Quando uma das cabeças falava, as outras aprovavam, com ar de grande sensatez colectiva.

A que primeiro se me dirigiu explicou-me assim:

– Somos o teu bicho das sete cabeças. Embora possas estranhar, tu é que nos fizeste. Cada uma de nós tem um nome, que vamos apresentar-te.

E, apontando com o focinho, começou as apresentações:

– Esta é a Cólera despropositada e inútil. Quando te encolerizas sem razão, quando perdes a cabeça por uma coisa de nada, é esta cabeça que se levanta.

– Muito prazer em conhecê-la – disse eu, um pouco embaraçado.

– Esta, agora, é a Atrapalhação sem motivo. Quando te afliges por um acaso insignificante, levanta-se esta cabeça. A outra, ao lado, é a Falta de Confiança em ti. Quando, diante de um problema, julgas, logo à partida, que não és capaz de resolvê-lo, levanta-se esta cabeça.

Eu estava com medo de não conseguir decorar os nomes delas todas. Por isso peguei num lápis e num bloco-de--notas, que trago sempre no bolso, mesmo nos sonhos, e pus-me a assentar o que ela anunciava:

– A cabeça dos Medos Ridículos, a cabeça do Acanhamento Paralisante, a cabeça do Desnorte, quando te metes por atalhos mais compridos e meandrosos do que se fosses, a direito, pela estrada…

– E vão seis – contei eu. – Falta uma.

– Falto eu – disse a cabeça que me falava. – Eu sou a associação das outras, a porta-voz das restantes, uma espécie de soma dos desperdícios de energia, que tu gastas,

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros

com o que não merece a pena.

– Como te chamas? – perguntei.

– Sou o Tempo Perdido e nunca recuperado com o que não vale um rabo de lagartixa, sem lagartixa.

À última fala, acordei. Pus-me a rememomerar o sonho, a tirar conclusões, a magicar… Não voltei a adormecer.

Uma noite de insónia azeda-me o dia. Fico com olheiras mais cavadas que varandas de sacada. Que inferno!

Será que de uma noite mal dormida estou a fazer um bicho de sete cabeças?

FIM

© APENA - APDD – Cofinanciado pelo POSI e pela Presidência do Conselho de Ministros